

PERCURSOS LITERÁRIOS: A LITERATURA SURDA NA SALA DE RECURSOS MULTIFUNCIONAIS

LITERARY TRAVELS: DEAF LITERATURE IN THE MULTIFUNCTIONAL RESOURCE ROOM

Joeli Teixeira Antunes¹ - Hélen Cristina Pereira Rocha² - Carlos Raniely Pereira³

¹ Mestre em Letras Estudos Literários pela Universidade Estadual de Montes Claros/Unimontes. Docente do Departamento de Estágios e Práticas Escolares e do departamento de Comunicação e Letras da Universidade Estadual de Montes Claros/Unimontes.

² Mestre em Letras Estudos Literários pela Universidade Estadual de Montes Claros/Unimontes. Docente do Departamento de Comunicação e Letras da Universidade Estadual de Montes Claros/Unimontes.

³ Especialista em Libras pelas Faculdades Favenorte. Docente do Departamento de Comunicação e Letras da Universidade Estadual de Montes Claros/Unimontes.

RESUMO

O presente artigo traz reflexões acerca da educação inclusiva, formação de professores, importância da Libras no processo de ensino aprendizagem da criança surda e sobre a Literatura Surda e sua relevância como recurso pedagógico a ser utilizado no processo de ensino aprendizagem do aluno surdo. O objetivo aqui é discutir as possibilidades reais de inclusão do indivíduo surdo no universo escolar por meio da Literatura Surda, uma vez que esta configura-se como real fonte desencadeadora de interesse nestes sujeitos. Para tanto, recorreu-se aos postulados dos autores: Coelho (2000); Guarinello (2006); Karnopp (2010); Lacerda (2006); Marques (2017); Mazzotta (1987); Meletti (2010); Morgado (2011); Quadros (2003); Rodrigues (2006) e outros. Chegamos à conclusão de que quanto mais cedo o surdo for inserido no mundo letrado por intermédio da Literatura Surda, mais rápido ele terá a aquisição do conhecimento. Entendemos que sem a qualificação profissional adequada do professor e da equipe pedagógica da escola, a criação de condições ideais para o desenvolvimento múltiplo do aluno surdo fica bastante prejudicada.

Palavras-chave: Inclusão Escolar. Libras. Literatura Surda.

ABSTRACT

This article brings reflections about inclusive education, teacher training, the importance of Libras in the teaching-learning process of deaf children and about Deaf Literature and its relevance as a pedagogical resource to be used in the teaching-learning process of deaf students. Therefore, the objective here is to discuss the real possibilities of inclusion of the deaf individual in the school universe through Deaf Literature, since this is configured as a real triggering source of interest in these subjects. For that, we used the postulates of the authors: Coelho (2000); Guarinello (2006); Karnopp (2010); Lacerda (2006); Marques (2017); Mazzotta (1987); Meletti (2010); Morgado (2011); Quadros (2003); Rodrigues (2006) and others. We concluded that the sooner the deaf is inserted into the literate world through Deaf Literature, the faster he will have the acquisition of knowledge. However, we understand that without the adequate professional qualification of the teacher and pedagogical team of the school, the creation of ideal conditions for the multiple development of the deaf student is greatly impaired.

Keywords: School Inclusion. Pounds. Deaf Literature.

INTRODUÇÃO

O tema “Perspectivas Literárias: a literatura surda na sala de recursos multifuncionais” suscita muitas discussões devido à importância de se trabalhar textos que explorem o imaginário da criança surda, pois elas desenvolvem a aprendizagem através de suas experiências visuais, necessitam do livro, de textos e de imagens para que possam desenvolver sua capacidade visual e de leitura. Precisam encontrar significados que ultrapassem o sentido da leitura escolar e, necessariamente, devem trazer de casa uma relação afetiva com os livros; importante enfatizar que esse contato deve acontecer por intermédio da Libras.

É importante frisar que nem sempre isso é possível, pois para os alunos surdos que vivem em ambientes ouvintes, a possibilidade de receberem histórias contadas em Libras é muito limitada. Daí a importância de os familiares aprenderem a língua de sinais e do convívio da criança surda com a comunidade surda, de modo que surdos adultos contem histórias para elas. O ideal seria se todas as crianças surdas tivessem a oportunidade de ouvir histórias contadas por adultos surdos ou ouvintes fluentes em libras, isso poderia influenciar ainda mais em seu interesse por esse mundo mágico dos contos de fadas.

Pensando nas especificidades dos alunos surdos, na importância de sua inserção no mundo da Libras, na educação pública ofertada a estes e na possibilidade de se trabalhar a Literatura Surda como recurso pedagógico nas salas de recurso multifuncionais escrevemos este artigo cujo objetivo é trazer essa discussão para o meio acadêmico.

Neste texto, em um primeiro momento refletimos sobre a educação inclusiva e a formação de professores, depois discutimos sobre a importância da Libras no processo de ensino aprendizagem da criança surda e sobre a Literatura Surda e sua utilização como recurso pedagógico.

REVISÃO DE LITERATURA

A Educação Inclusiva do Aluno Surdo e a Formação de Professores

Aqui entra em discussão uma questão primordial ao se tratar da educação de surdos, a

formação e capacitação dos profissionais que atuam diretamente com educandos surdos. Ao abordar a relevância da Língua de Sinais Brasileira para a inclusão social das pessoas surdas na educação, necessariamente, devemos realizar uma reflexão sobre a formação dos profissionais que atendem ao educando surdo.

A Lei Federal Nº 10.436 de 24 de abril de 2002 e o Decreto Federal Nº 5.626 de 22 de dezembro de 2005 regulamenta e torna a obrigatoriedade do ensino de Libras nos cursos de licenciatura em todo o Brasil e optativa para os demais cursos de Educação Superior. A emancipação destas leis se tornou uma conquista política muito importante para a comunidade surda, é através desta legislação que várias ações estão sendo desenvolvidas, dentre elas, a formação de profissionais que atuam diretamente com educandos surdos ou com deficiência auditiva e a inclusão social gradativa destes educandos.

Contudo, ainda se tem muito a evoluir, no sentido de inclusão e de formação profissional de professores. Como bem diz Marques (2017), é preciso:

Compreender que a formação do professor precisa ser contínua e continuada que o conhecimento seja progressivo e sistematizado com perspectivas de inovar, vencer os desafios, faz-se necessário deixar de ver a educação como processo de integração, mas sim como inclusão, fundamentada nas concepções de direitos humanos, pois a educação é um direito de todos, com garantia de acesso e permanência nas escolas. A proposta de educação bilíngue para surdos é recente ao nos remeter a legislação, como também, as discussões teórico-metodológicas, seja, pela falta de pesquisa acadêmica, material didático e humano para difusão do conhecimento e principalmente pela imposição dos usuários para uso da língua majoritária, mas a relação teoria e prática do professor com a perspectiva da relação aluno e professor na construção do saber, tornará o trabalho mais consistente (MARQUES, 2017, p.108).

Corroborando com o autor citado acima, Guarinelo (2007) relata também que a inclusão de surdos no ensino regular significa mais do que apenas criar vagas e proporcionar recursos materiais, requer na verdade, uma escola e uma sociedade inclusiva, que assegurem igualdade de oportunidades a todos os alunos, contando com professores capacitados e comprometidos com a educação de todos.

Neste sentido, a Lei Nº 13.005 de 2014, que estabelece o Plano Nacional de Educação de vigência de 2014 a 2024 torna-se requisito fundamental para a análise e exposição de suas

partes, pois ela busca determinar no campo da educação inclusiva, tendo como princípio a Lei 10.436 e o Decreto 5.626, o que o sistema de ensino deve contemplar até 2024 e qual o caminho deve ser percorrido. As diretrizes 4.7 e 4.13 tratam de aspectos mais específicos dos direitos e garantias das comunidades surdas e deficientes auditivos, a primeira diz que o sistema educacional como todo deve,

[...] garantir a oferta de educação bilíngue, em Língua Brasileira de Sinais - LIBRAS como primeira língua e na modalidade escrita da Língua Portuguesa como segunda língua, aos (às) alunos (as) surdos e com deficiência auditiva de 0 (zero) a 17 (dezesete) anos, em escolas e classes bilíngues e em escolas inclusivas, nos termos do art. 22 do Decreto no 5.626, de 22 de dezembro de 2005, e dos arts. 24 e 30 da Convenção sobre os Direitos das Pessoas com Deficiência (BRASIL, 2014, p. 6).

Notamos então, que a diretriz 4.7 refere-se diretamente ao uso da Libras para a inclusão educacional dos educandos surdos ou com deficiência auditiva, determinando que até 2024 o sistema de ensino ofereça educação bilíngue em Libras e na modalidade escrita de língua portuguesa ao público referido, sendo a Libras, considerada a primeira língua.

Já a diretriz 4.13 aborda o amparo do estado sobre o fornecimento de profissionais para trabalhar com educandos com deficiência, transtornos globais do desenvolvimento e altas habilidades ou superdotação, nela diz que o poder público deve:

Apoiar a ampliação das equipes de profissionais da educação para atender à demanda do processo de escolarização dos (das) estudantes com deficiência, transtornos globais do desenvolvimento e altas habilidades ou superdotação, garantindo a oferta de professores (as) do atendimento educacional especializado, profissionais de apoio ou auxiliares, tradutores (as) e intérpretes de Libras, guias -intérpretes para surdos-cegos, professores de Libras, prioritariamente surdos, e professores bilíngues (BRASIL, 2014, p.6).

Esta diretriz trata de aspectos fundamentais quando se pensa em educação inclusiva respeitando a singularidade do ser surdo ao propor a qualificação e a expansão de profissionais para trabalharem diretamente com alunos surdos e deficientes auditivos, sendo eles: intérpretes, professores de Libras (os quais devem ser prioritariamente surdos) e professores bilíngues.

Neste sentido, Marques (2017) defende que é extremamente necessário que se entenda

que a formação inicial dos educadores deveria propor condições de um trabalho docente consciente pautado não só de teoria, mas destacar a construção do conhecimento com práticas para que possamos enfrentar os desafios do processo ensino aprendizagem. Assim sendo,

A formação de professores deveria garantir uma sólida cultura que lhes permita atingir uma aguda consciência da realidade em que vão atuar associadas a um consistente preparo teórico-científico que os capacite à realização de uma prática pedagógica coerente. [...] Condições adequadas de trabalho que lhes permitam atualização constante, preparação consistente de suas atividades curriculares e atendimento às necessidades pedagógicas dos alunos, revendo e reelaborando os conteúdos e os métodos do ensino ministrado (MARQUES, 2017, p.26).

Em se tratando de educação inclusiva é preciso oferecer formação continuada a todos os componentes do cotidiano escolar e não somente professores e/ou intérpretes de Libras. É necessário considerar que todos os servidores de uma escola são educadores, portanto, auxiliares escolares, professor de biblioteca, auxiliar de serviços gerais, porteiros etc. devem ser capacitados minimamente para que se possa gerar verdadeiramente processo de inclusão socioeducacional aos alunos surdos.

Não se pode transferir toda a responsabilidade de garantia de educação inclusiva ao professor. O estado tem em sua essência a função de oferecer formação continuada a todos que exercem função na escola, assim como tem a obrigatoriedade de prestar assistência com materiais didáticos e recursos financeiros para adequar o espaço físico das instituições escolares, já que a inclusão é uma ação política e social, todos devem receber orientações relevantes para juntos promover inclusão socioeducativa (MARQUES, 2017).

De acordo com Melletti (2010), o número de alunos surdos matriculados em classes de ouvintes cresce todos os dias, e grande parte destes alunos são tratados como se fossem alunos ouvintes, recebem o conteúdo na sala de aula como se fossem ouvintes, não existindo uma metodologia que atenda às necessidades deste público dentro da escola.

As comunidades surdas do Brasil, aliadas a pesquisadores, observaram a necessidade de desenvolvimento da língua das pessoas surdas, e a importância de ofertar uma educação bilíngue, a fim de que proporcione um maior desenvolvimento das pessoas com surdez dentro das escolas, e na sociedade, promovendo assim,

efetiva igualdade e inclusão.

Podemos dizer que nos deparamos com um modelo de ensino que se diz promover a integração no âmbito escolar, mas de acordo com Rodrigues (2006) essa ideia de integração não traz de fato a inclusão dentro da escola, o referido autor, ainda nos mostra, que apesar do aluno ser inserido no espaço escolar comum, ele precisa se adaptar e apresentar um comportamento desejável, ou seja, que acompanhe o desenvolvimento dos ouvintes.

Lacerda (2006) fala da experiência vivida pelos surdos de escolas inclusivas, onde eles não se relacionam com os colegas de classe, professores e funcionários pelo fato deles serem ouvintes e não conhecerem e nem usarem a Libras, o que prejudica a relação dentro da escola, conseqüentemente, o processo de interação. Baseado nisso, podemos dizer que o ideal é que todos os profissionais da escola conheçam a Libras, para que de fato a interação e inclusão dos alunos surdos seja promovida.

Muitos pensam que o intérprete pode resolver essa questão da interação, bem como resolver os problemas de aprendizagem, porém tal fato não é tão simples assim. O papel que o tradutor intérprete exerce é a tradução do português para a Libras e vice-versa, ele não desempenha o papel de ensinar, mas de traduzir. A responsabilidade do processo de ensino aprendizagem pertence ao professor regente. Só a inserção do intérprete em sala de aula não é suficiente para o desenvolvimento dos surdos, pois as estratégias de ensino são pensadas para que aconteça com alunos ouvintes, não sendo compatível com a necessidade encontrada pelos alunos surdos. As metodologias aplicadas aos surdos são as mesmas usadas para ouvintes.

Os Parâmetros Curriculares Nacionais da Educação Especial defendem a educação inclusiva e lembra ainda da necessidade de se investir na formação de profissionais e de se criar um ambiente de ensino capaz de promover a superação dos obstáculos e as diversidades encontradas dentro das escolas, garantindo a igualdade (BRASIL, 1999). Vivenciamos no contexto escolar situações em que a maioria dos professores sentem um grande desafio ao ensinar ao aluno surdo, muitos se dizem despreparados quanto ao uso da Libras, das metodologias necessárias e dos métodos de ensino que precisam aplicar.

Além disso, o aluno surdo é inserido em escolas comuns e recebem o ensino da mesma forma que os ouvintes, não existe a aplicação de metodologias que facilitem seu aprendizado.

Quadros (2003) fala que alguns estudantes têm a sensação de estarem silenciados dentro da sala de aula, silenciados devido a se sentirem inibidos mediante obtenção de um resultado insatisfatório dentro da escola. Góes e Lacerda (2000), relata que os surdos são negligenciados com a inclusão e o problema central está focado na falta de compreensão dos profissionais referente à língua de sinais.

A sociedade não aceita que os surdos precisem viver de acordo com sua cultura, conseqüentemente, tal atitude ocasiona falhas no sistema de ensino. As próprias escolas muitas vezes não possuem um ambiente que possa contribuir para o desenvolvimento de alunos surdos, os profissionais que fazem parte da escola desconhecem a Libras, tal incidência dificulta a interação no ambiente escolar, lembrando que a maioria dos alunos dentro da sala de aula são ouvintes que também não conhecem a referida língua sinalizada, o que torna ainda mais difícil a interação e o desenvolvimento de tais alunos.

Bakhtin (1997) confere à enunciação/língua papel fundamental na apropriação e na construção de conceitos, sendo, pois, a base de todos os conhecimentos na sociedade. Os indivíduos em todas as esferas da atividade humana utilizam a comunicação e no caso dos surdos a língua usada é a língua de sinais, logo a Libras é primordial para o desenvolvimento dos alunos surdos.

Literatura Surda: evidenciando a Língua, a Identidade e a Cultura Surda

Considerando a cultura surda, podemos observar que uma das principais características dos surdos é observar e reconhecer o mundo através do campo visual, com base nisso podemos compreender que os métodos de ensino também precisam ser adaptados com o objetivo de facilitar o aprendizado, utilizando metodologias que usem o campo visual como base no ensino.

Acreditamos que uma inclusão de fato só acontecerá com a implantação de escolas bilíngues, um ambiente favorável para a criança com surdez, focada no ensino da Libras, tendo profissionais capacitados, instrutores, tradutores intérpretes, onde os alunos surdos desde os anos iniciais tenham contato com a Libras e acesso a metodologias que explorem os recursos visuais. Se uma criança surda tem contato com a Libras, ela consegue adquirir o conhecimento

de forma ampliada, pois, ela terá essa língua como base de seu desenvolvimento, fazendo com que seu conhecimento seja atingido de forma satisfatória.

Mas enquanto a educação bilingue não é alcançada por todas as crianças surdas, nos profissionais da educação precisamos fazer a diferença, pois sabemos que para se ter uma educação de qualidade para todos é necessário compromisso e envolvimento do corpo docente da escola; é preciso pensar em alternativas que melhorem a participação e o desenvolvimento do aluno.

Vygotsky (2009) aponta que a linguagem, por fazer parte da constituição de pensamento, exerce uma influência direta nas funções mentais, criando uma transformação no pensamento e raciocínio, sendo assim podemos dizer que a linguagem influencia no aprendizado. Notamos então que a língua além da comunicação envolve o desenvolvimento, a cultura e a interação dentro da sociedade, através dela que o indivíduo se estabelece na sociedade, por isso é tão importante a aquisição da Libras para os surdos, pois somente através dela o seu desenvolvimento irá acontecer de fato.

Sem a aquisição da fluência na Libras, mesmo tendo a presença do intérprete, dificilmente o aluno surdo terá acesso ao conhecimento de forma plena, pois, a presença do intérprete de Libras pode minimizar as dificuldades de comunicação em sala de aula, mas para que isso aconteça o aluno surdo precisa entender a tradução. Daí a relevância de se utilizar a Literatura Surda em situações nas quais o exercício da encenação e da teatralização possam produzir reações, interação e aquisição da Libras.

As Literaturas Surdas podem ser definidas como “aquelas que são contadas em língua de sinais, sejam frutos de tradução ou não, podendo ter um tema relacionado com surdos ou não” (MORGADO, 2011, p. 21). Ela não precisa ser contada exclusivamente em língua de sinais, ou seja, ela também pode ser escrita, porém, o tema deve ser relacionado aos surdos. Temos como exemplos de Literatura Surda: *Tibi e Joca* (BISOL, 2001), *A cigarra surda e as formigas* (OLIVEIRA; BOLDO, 2003), *Cinderela Surda* (HESSEL; ROSA; KARNOPP, 2003), *Rapunzel Surda* (SILVEIRA; ROSA; KARNOPP, 2003), *Patinho Surdo* (SILVEIRA; ROSA; KARNOPP, 2005), dentre outras.

A cultura surda é composta por riquíssimas produções culturais e simbólicas próprias, elementos primordiais quando se pensa na Li-

teratura Surda, que tem o papel de difundir a cultura e a identidade surda. Ela é disseminada por diversos grupos surdos por meio de teatro, poesia visual, narrativas, piadas. De acordo com Coelho (2000), a “Literatura oral ou literatura escrita são as principais formas pelas quais se recebem a herança e a tradição cultural” (COELHO, 2000, p. 125).

As produções em vídeos representam uma forma muito forte de registro das literaturas surdas e possibilita a sua disseminação por meio de materiais impressos que circulam promovendo acessibilidade tanto para a leitura como para as publicações pelos surdos em escrita de sinais. Todas essas produções têm como principal objetivo trabalhar a cultura e a identidade surda, as histórias, os contos, lendas em geral, informam a experiência das pessoas surdas, no que diz respeito, direta ou indiretamente, à relação entre as pessoas surdas e ouvintes, que são narradas como relações provocadoras ou solidárias de aceitação ou de opressão do surdo.

Quando se pensa na Literatura Surda existem várias possibilidades, a saber: a tradução para a Libras de poemas, contos, fábulas, narrativas, romances, etc., oriundos da literatura brasileira; as adaptações de histórias já conhecidas que passam a ter uma nova roupagem trazendo personagens surdos, exemplificando a cultura e a identidade surda; criações surdas, histórias criadas por surdos para mostrar o estilo de vida e as dificuldades dentro da sociedade da família, o relacionamento entre surdos e ouvintes.

Corroborando com a visão de Mozzotta (1987) ao afirmar que “a finalidade da educação escolar da criança surda deve ser a de criar condições para que ela se desenvolva em todas as áreas, cognitiva, afetiva, física e social, criando [...] situações de educação capazes de transformar ou de lhe permitir transformar-se” (MAZZOTTA, 1987, p. 33), defende-se a necessidade de se desenvolver atividades de interação em libras tendo como recurso pedagógico a Literatura Surda, buscando estratégias que promovam a aquisição da Libras em um nível avançado.

Nas salas de recursos multifuncionais o professor de apoio deve propor atividades de construção de narrativas propiciando assim, momentos de reconto da história de livros infantis. Por meio dessas atividades ele pode introduzir língua de sinais, dando início a construção de um processo dialógico. É de suma importância que as aulas de reconto tenham a participação de um professor surdo, se não for possível que

pelo menos tenham participantes que sejam interlocutores em língua de sinais, tanto dos professores ouvintes como dos surdos, e, além disso, tenham larga experiência de atividades de conto de história. Caso esses momentos sejam conduzidos por professores ouvintes é necessário que eles recebam “treinamento” de contação de histórias dos contadores surdos.

Por meio da Literatura Surda é possível amenizar problemas detectados no dia a dia escolar, possibilitando assim uma melhor interação intérprete, aluno surdo, aluno ouvinte, professor regente, professor de apoio e consequentemente na aquisição do conhecimento em sala de aula. Lembrando que o professor deve pensar estratégias que possam alcançar esse público e, certamente, a Literatura Surda pode ser utilizada como recurso pedagógico nesse processo de ensino aprendizagem.

CONCLUSÕES

Se o indivíduo surdo for inserido desde cedo no mundo mágico dos livros, mesmo ele não sabendo ler, ficará encantado com os desenhos e sua curiosidade será aguçada para descobrir o que há além da imagem. Em casa esse processo precisa ser mediado pelos familiares; já na escola, essa mediação é realizada, geralmente, pelo adulto, seja o professor regente, a bibliotecária, o instrutor ou professor de apoio. Tais profissionais podem realizar inferências com a utilização de estratégias para facilitar o aprendizado e despertar o gosto pelo ato de ler. Quanto mais cedo o surdo for inserido no mundo letrado por intermédio da Literatura Surda, mais rápido ele terá a aquisição do conhecimento.

Portanto, na formação dos profissionais da educação é preciso possibilitar mecanismos de construção de estratégias pedagógicas para viabilização da inclusão socioeducativa dos alunos surdos e levar esse conhecimento para sala de aula; tornar a Libras instrumento de comunicação e acesso ao conhecimento; ter uma formação dialógica e consciente do papel dos educadores para cidadania inclusiva. Entendemos que sem a qualificação profissional adequada do professor e da equipe pedagógica da escola, a criação de condições ideais para o desenvolvimento múltiplo do aluno surdo fica bastante prejudicada.

REFERÊNCIAS

BAKHTIN, Mikhail. *Estética da criação verbal*. 2ª ed. São Paulo: Martins Fontes, 1997.

BISOL, Cláudia. *Tibi e Joca: uma história de dois mundos*. Porto Alegre: Mercado Aberto, 2001.

BRASIL. **Decreto-lei n. 5.626 de 22 de dezembro de 2005**. Diário Oficial [da] República Federativa do Brasil, Brasília, 23 dez. 2005. Seção 1, p. 30.

BRASIL. **Lei n. 10.436, de 24 de abril de 2002**. Dispõe sobre a Língua Brasileira de Sinais (LIBRAS) e dá outras providências. Disponível em <<http://www.mec.gov.br/seesp/legislacao.shtm>>. Acesso em: 19 outubro. 2021.

BRASIL. Ministério da Educação. **Plano Nacional de Educação**, Lei nº 13.005, de 25 de junho de 2014. Disponível em http://pne.mec.gov.br/images/pdf/pne_conhecendo_20 metas.pdf. Acesso em: 19 outubro. 2021.

BRASIL. Ministério da Educação. Secretaria de Educação Especial. **Política nacional de educação especial na perspectiva da educação inclusiva**. Brasília, DF: MEC/SEESP, 2008.

COELHO, N. N. *Literatura: arte, conhecimento e vida*. São Paulo: Petrópolis, 2000.

GUARINELLO, AC, BERBERIAN, AP, SANTANA, AP, MASSI, G, PAULA, M. A inserção do aluno surdo no ensino regular: visão de um grupo de professores do Estado do Paraná. *Revista Brasileira de Educação Especial*, Marília, v.12, n.3, p. 317-330, 2006.

KARNOPP, Lodenir Becker. *Literatura Surda*. Curso de Licenciatura em Letras-Libras na Modalidade a Distância. Universidade Federal de Santa Catarina, Florianópolis, 2010.

LACERDA, C. B. F. (2006b). *A cultura surda e os intérpretes da Língua de Sinais*. *Revista Educação temática digital*7(2), 135-143.

MARQUES, Marcley da Luz. *A Formação do Professor Para Educação de Surdos*. EDUCERE, 2017. Disponível em: https://educere.bruc.com.br/arquivo/pdf2017/22957_11835.pdf. Acesso em: 19 outubro. 2021.

MAZZOTTA, Marcos José da Silveira. *Educação*

Revista Multitexto

escolar: comum ou especial? São Paulo: Pioneira, 1987.

MELETTI, Sílvia Márcia Ferreira; BUENO, José Geraldo Silveira. **Escolarização de alunos com deficiência: uma análise dos indicadores sociais no Brasil (1997-2006)**. In: 33ª Reunião Anual da ANPED, 2010, Caxambú. Educação no Brasil: o balanço de uma década, 2010. p. 1- 17.

MORGADO, Marta. **Literatura das Línguas Gestuais**. Lisboa: Universidade Católica Editora, 2011.

OLIVEIRA, Carmem; BOLDO, Jaqueline. **A cigarra surda e as formigas**. Erechim: Corag, 2003.

QUADROS, R.M. (2003). **Situando as diferenças implicadas na educação de surdos: inclusão exclusão**. Florianópolis: Editora Ponto de Vista.

RODRIGUES, D. **Inclusão e educação: doze olhares sobre a educação inclusiva**. São Paulo: Summus, 2006. p.299-318.

SILVEIRA, Carolina Hessel; KARNOPP, Lodenir; ROSA, Fabiano. **Cinderela Surda**. 2. ed. Canoas: ULBRA, 2007.

SILVEIRA, Carolina Hessel; KARNOPP, Lodenir; ROSA, Fabiano. **O Patinho Surdo**. Canoas: ULBRA, 2003.

SILVEIRA, Carolina Hessel; KARNOPP, Lodenir; ROSA, Fabiano. **Rapunzel Surda**. 2. ed. Canoas: ULBRA, 2011b.

VYGOTSKY, L. S. **A Construção do Pensamento e da Linguagem**. São Paulo: Martins Fontes, 2º Ed. 2009.